

**Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ
CFCH / ECO/ Artes Cênicas – Direção Teatral**



**Memorial
Castelos & Litorais**

Texto e Direção:
Edney Paiva

Disciplina:
Direção VII
Programa de Extensão em Teatro - PET

Trabalho de Conclusão do
Curso de Direção Teatral

Professora Orientadora:
Jacyan Castilho

Período:
10º Período – 2014/02

**Aluno:
Edney Ferreira da Luz
DRE: 110.038.535**

**CFCH / ECO/ ARTES CÊNICAS – DIREÇÃO TEATRAL
UFRJ – 2014/02**

O presente Memorial pretende dar conta dos fatos, trajetórias, pretensões, medos, dificuldades e desejos que foram percorridos/cumpridos durante o período de ensaios até as apresentações da peça “Castelos & Litorais” na XIV Mostra de Teatro da UFRJ, em Novembro de 2014.

Primeiramente, gostaria de abrir este Memorial relatando um pouco sobre os desejos e as dificuldades que tive para realizar este projeto, transcrevendo parte do texto original que redigi para a revista da XIV Mostra de Teatro da UFRJ¹:

“Nunca tive “DOM” para escrever; muito pelo contrário, escrever, para mim, é geralmente muito desgastante. Sempre tive dificuldade em encontrar palavras para colocar no papel, para expressar o que sinto e o que quero dizer. Talvez não tivesse sido estimulado o suficiente quando estava ainda sendo alfabetizado, ou ainda (e esta deve ser a mais provável resposta) eu não percebesse os estímulos que estavam à minha volta. A grande verdade é que sempre admirei as pessoas que conseguem organizar as ideias no papel, escrever textos, desenvolver uma escrita clara, com início, meio e fim.

O tal do “*brainstorm*”,² comigo, fica só na tempestade. Porque é uma avalanche de pensamentos que me ocorrem, que passam a uma velocidade tão alta que não consigo captar esta ou aquela ideia. Fixar-me numa só coisa e desenvolvê-la, é tarefa árdua. E geralmente esses pensamentos/ideias me vêm à mente justamente quando não tenho nada por perto para anotar ou mesmo fazer qualquer tipo de registro. É muito angustiante sabe que ideias maravilhosas passam por você, e depois, quando é preciso lembrá-las a linha do pensamento se perde.

Pensei durante a minha trajetória, dentro do Curso de Direção Teatral, em várias peças que gostaria de montar. Foram muitos os textos teatrais lidos e estudados. Inicialmente pretendia fazer um espetáculo musical, por apreciar muito o gênero. Depois, pensei em montar um clássico do teatro brasileiro, e, por último, tive o desejo fazer uma peça infantil que é muito significativa para mim: “*Pluft – o Fantasmilha*” de Maria Clara Machado. Entendi que como estava fechando um ciclo da minha vida, pelo menos este ciclo acadêmico, deveria fazê-lo com a peça que me levou a querer seguir a carreira artística. Esta foi a primeira peça que assisti; também era uma montagem universitária.

Depois de ver muitos de meus colegas se formarem, retornei ao

¹ Revista À MOSTRA – XIV Mostra de Teatro da UFRJ - , ano 2014

² O termo refere-se ao procedimento de deixar fluir ideias livremente na escrita, como uma “tempestade cerebral”.

pensamento que tivera alguns meses atrás. Eu queria fazer algo por mim enquanto encenador, expressar um sentimento que veio forte numa época conturbada, mas um pensamento que me trazia alento também, que me fez refletir sobre muitas coisas e que me possibilitou um crescimento como indivíduo. Entendo que pensar e elaborar uma encenação sobre um texto já existente, um autor consagrado, é muito interessante. Poder experimentar, desconstruir e reconstruir, ver uma criação sobre outra, mostrar o quanto podemos ser criativos, é uma experiência inexplicável. Entretanto, ao mesmo tempo, isso não iria traduzir por completo o que queria dizer. Nem sei se o que queria dizer tinha função clara e objetiva, ou se era simplesmente uma elucubração de minha parte. Mas o fato é que precisava expô-la, trazer ao conhecimento das pessoas algo que é meu, que trouxesse uma parte da minha identidade como artista criador de um espetáculo teatral.

O Programa de Extensão em Teatro (PET) se mostra necessário na medida em que o Curso de Direção Teatral segue como espaço de formação de jovens artistas, cuja produção criativa se estende para além do fazer específico do exercício da direção. A Universidade se apresenta como um lugar de experimentação múltipla.

Ao longo da minha trajetória na faculdade, fui estimulado a produzir conhecimento teórico-prático, desenvolver pesquisa científica por meio de bolsa de estudo, participar de montagens teatrais como ator, iluminador e produtor. Visto isso, a realização da encenação de “Castelos & Litorais” como forma de conclusão da minha trajetória dentro da Universidade, foi o melhor momento para fazer a junção dos dois principais caminhos e habilidades que foram apreendidos nos meus cinco anos na graduação: escrever e dirigir. Lancei-me assim ao desafio de escrever a minha peça de formatura, vencer as dificuldades de organização e o desgaste, criar uma escrita de dramaturgia. E que melhor lugar poderia escolher para fazer esta dupla experimentação, senão o espaço acadêmico.

A idealização do projeto surgiu no ano de 2012, ainda no período de greve das Universidades Federais. Existia uma indefinição das atividades acadêmicas. Em uma das vezes que precisei ir ao Campus, deparei-me, olhando através da janela do ônibus, com uma escultura de areia na praia. Era

um castelo, muito bonito e bem feito, e com uma arquitetura complexa se considerarmos matéria prima tão simples. Ao mesmo tempo em que olhei para a escultura, começou a tocar a música “*Vento no Litoral*”, da banda de rock *Legião Urbana*, no meu Ipod. A partir deste momento, comecei a traçar uma série de associações entre a letra e melodia da música com a escultura. Lembrei-me de que quando era criança nas férias de Cabo Frio, e costumava fazer castelos de areia na praia. Esta memória me fez pensar na fragilidade dessa construção, e como era possível que a representação de algo sólido – um castelo – fosse feito de um material tão frágil. Penso assim, pois, por mais que esses artistas coloquem água e presem a areia, compactando-a para ganhar resistência, se houver uma forte ventania ou uma chuva intensa, essa construção irá desmoronar.

Assim, traçando um paralelo entre a construção destas esculturas com as palavras ditas na canção, encontrei outra linha de raciocínio que me levou a refletir sobre as relações humanas, especificamente sobre relações afetivas sentimentais. Escolhi como mote central para o desenvolvimento do texto apresentado/representado a relação entre a solidez e fragilidade em um relacionamento e suas subjetividades. No caso da fragilidade, esta diz respeito a uma dificuldade enfrentada por mim durante toda a minha trajetória dentro curso de Direção Teatral: o ato de escrever. A solidez seria representada pelo sentimento construído entre as duas personagens, que transcende a barreira espaço tempo, tornando-se eterna no campo das lembranças. A composição e construção da dramaturgia foram realizadas por meio de estudos de depoimentos colhidos através de pesquisa realizada pelo mim, aluno-diretor, e desenvolvida em sala de ensaio com a colaboração dos atores, mediante jogos teatrais.

É importante registrar que a escolha de “Castelos e Litorais” para a minha formatura representa a possibilidade de colocar em prática muitas das informações e estudos adquiridos nestes cinco anos. Entretanto o mote para a construção desta possibilidade de encenação se dá pela necessidade de partilhar uma angustia que permeou toda esta trajetória.

Com a peça “Castelos & Litorais” pretendi coloca em pauta as ligações entre Arte e as relações afetivas sentimentais. O espetáculo se propôs a

investigar como nós somos extremamente subjetivos nas nossas fragilidades e certezas. Colocar em cena as dúvidas, medos, decepções, dificuldades por parte de uma das personagens e os desejos, anseios, certezas e otimismo da outra. Esta dualidade presente em cena possibilitou desenvolver uma ação cênica.



Os atores Vinícius Arêas e Ana Cecília Mamede, com a preparadora corporal Daniella Nery, durante o processo de ensaio. (Foto: Edney Paiva)

DOS PREPARATIVOS E PESQUISAS

Os preparativos para a montagem desta peça se deram ainda mesmo antes do início do primeiro semestre letivo de 2014. Quando da tomada de decisão de qual peça iria ser o meu projeto de encenação, percebi que precisava angariar materiais para obter o estofamento necessário para o desenvolvimento do mesmo.

Neste sentido, elaborei um pequeno questionário como forma de pesquisa. Esta pesquisa foi enviada para cerca de duzentas pessoas, entre selecionadas através de redes sociais de forma aleatória. As perguntas tinham como objetivo principal fazer com que os entrevistados explanassem sobre os

seus sentimentos, sensações e subjetividades. O resultado obtido serviu como fonte de debates entre o diretor, atores e demais membros da equipe técnica, quando acompanhavam os encontros. *(Em anexo modelo da pesquisa utilizada para coleta de informações)*

Seguindo ainda dentro do primeiro semestre de 2014, foi realizado o desenvolvimento do projeto, assim como o roteiro que deu origem ao texto final, em aulas supervisionadas pela professora Eleonora Fabião.

DA BUSCA POR ELENCO E EQUIPE TÉCNICA

A ideia inicial, para o elenco, seria que esta peça deveria ser encenada por um casal de amigos, que já tinham algumas pequenas identificações com as personagens. O intuito era tentar pular a barreira que poderia existir entre dois atores que não se conhecessem o suficiente, para gerar o clima de intimidade necessário à encenação. Porém fui surpreendido com a notícia de que o casal estava “grávido” e o nascimento da criança ocorreria na proximidade da estreia da peça.

Assim, como em minha disciplina Direção VI, resolvi optar por anunciar que estava precisando de atores; porém, diferentemente daquela situação, onde não haviam especificações acertadas para as personagens, neste caso se fazia necessário que pelo menos a atriz fosse também bailarina, ou pelo menos tivesse excelentes noções de ballet.

Através de indicações de duas atrizes com as quais já trabalhei, cheguei até o ator Vinícius Arêas, e este indicou a atriz Ana Cecília Mamede, que formaram o casal da peça. Uma das primeiras gratificações que tive foi o fato de ambos os atores gostarem do projeto e, mesmo sem ainda existir um texto definitivo aceitarem participar desta empreitada. Outra grata surpresa foi a sinergia existente entre e eles, e deles para com a direção.

Tinha em mente continuar trabalhando com a equipe de cenografia da disciplina Direção VI, visto o excelente trabalho realizado então. Entretanto, todos os membros já haviam se comprometidos com outros trabalhos. Como é de praxe, para os alunos diretores que não tinham equipes de cenário e

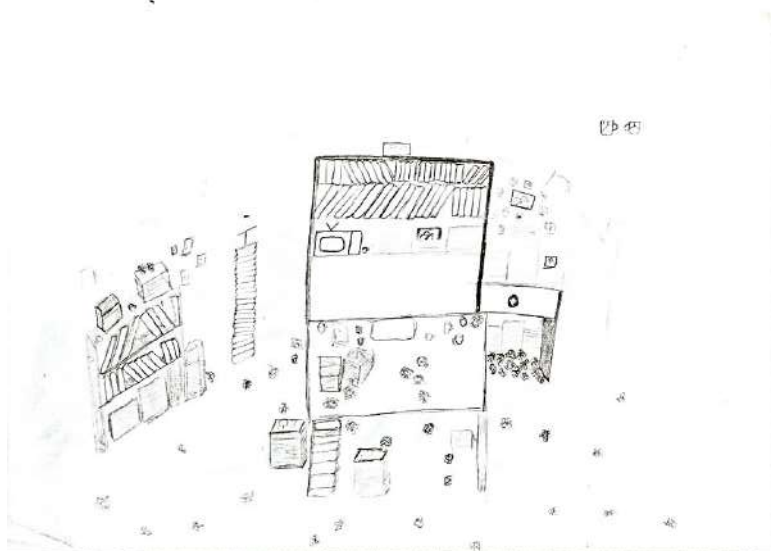
figurino, enviei meu projeto para a Escola de Belas Artes (EBA) para ser lido e analisado pelos alunos e, assim formar estas equipes dentre aqueles que se interessaram.

Mostraram interesse pelo projeto as alunas Jessyca Ugolini, do segundo período do Curso de Indumentária, tendo como orientador o professor Samuel Abrantes; e ainda Zindi Gonzaga, aluna formanda no nono período, e Caroline Santos do quinto período, ambas do Curso de Cenografia, orientadas inicialmente pelo professor Luiz Neves. Logo no início das conversas, propus às alunas cenógrafas que assinassem juntas a cenografia da peça. Entretanto, passado duas semanas ao primeiro contato, a aluna Caroline Santos pediu para ficar como assistente, pois se encontrava muito atarefada com as obrigações da faculdade, além de estar passando por problemas familiares, não podendo dispor de maior tempo para dedicação ao projeto. Sendo assim, a aluna Zindi Gonzaga assumiu a responsabilidade pela criação da cenografia.

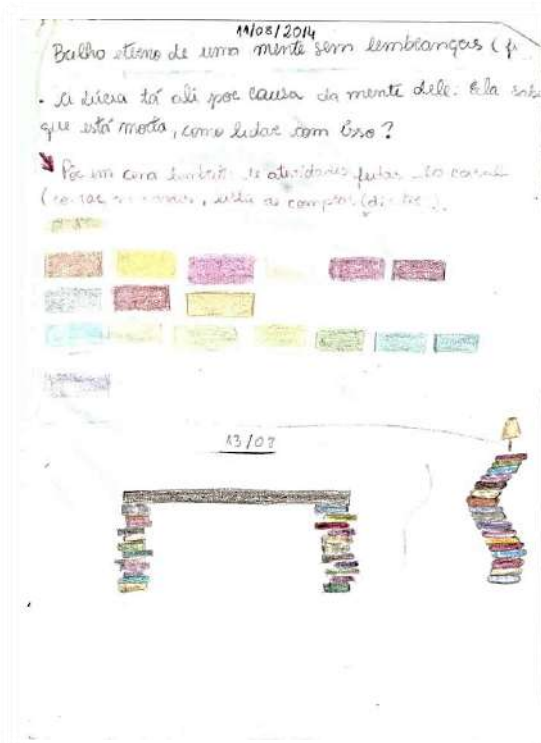
Da mesma forma que ocorreu com as equipes de cenografia e figurino, encaminhei meu projeto para a Escola de Educação Física e Desporto (EEFD), para obter a ajuda de algum aluno para fazer a preparação corporal e coreografias necessárias. Obtive resposta da aluna Daniella Nery, do segundo período, que foi quem se interessou em participar do projeto por contemplar uma relação entre teatro e dança, orientada pelas professoras Lígia Tourinho e Marina Elias.

Para me ajudar na assistência de Direção, chamei a aluna Giullia Luciano, do segundo período do Curso de Direção Teatral, por já conhecê-la do CAp-UFRJ, onde foi aluna participante do projeto Teatro em Gotas, do qual participo como bolsista, tendo se mostrado extremamente comprometida com suas obrigações e de competência elogiada pelas professoras do CAp-UFRJ.

Os outros membros da equipe que nos ajudaram foram os seguintes alunos do Curso de Direção Teatral: Manuel Thomas, do décimo período, designado como aluno produtor através da Disciplina LEP; e Antônio Ventura, do terceiro período, Mariana Pantaleão e Suellen Casticini, ambas do sexto período, designados pelo professor José Henrique Moreira que leciona a disciplina de Iluminação II. Entretanto, estes quatro últimos só iniciaram suas atividades três semanas antes da estreia.



Desenho da cenografia por Zindi Gonzaga



Estudo de cores para a cenografia, por Zindi Gonzaga



Figurino da personagem, Lucia, criado por Jessyca Ugolini

O CRONOGRAMA – PROPOSTO X REALIZADO

Como em qualquer atividade que se pretende exercer com objetividade, foi criado um cronograma de atividades para que todos os prazos fossem cumpridos sem atropelamentos. Entretanto, foram inevitáveis alguns atrasos devido à demora da liberação da verba destinada pela Universidade para a XIV Mostra de Teatro da UFRJ e pequenos outros contratemplos.

Cronograma proposto:

1ª Fase – Seis semanas compreendidas entre os dias vinte e oito de julho até cinco de setembro: Finalização do Projeto; Escolha da equipe artística e técnica; Diálogos iniciais com Orientador; Primeiros ensaios; Desenvolvimento das primeiras propostas de cenário e figurino; Laboratório e experimentações cênicas; Leitura de depoimentos; Jogos Cênicos e criação do texto.

Realizado:

O Projeto foi finalizado antes do início do segundo semestre e entregue para a distribuição dentro do prazo previsto. Ainda antes da data prevista para iniciar os trabalhos, já estava com o elenco fechado. Porém, devido a compromissos profissionais da atriz Ana Cecília Mamede, o nosso primeiro encontro realizou-se somente em seis de agosto, o que em parte, acabou sendo bom, pois neste meio tempo consegui fechar as equipes de cenografia e figurino. Para o primeiro encontro, esteve presente o casal de atores, a assistente de direção, cenógrafas e figurinista. Foram definidos os dias e horários de ensaios. Foi feita uma nova explanação sobre o projeto, esclarecendo dúvidas tanto dos atores quanto de cenografia e indumentária.

Uma das questões que mais tomaram tempo foi a argumentação da cenógrafa Zindi Gonzaga, pelo fato de eu expor que já havia pensado em uma cenografia. A aluna argumentava que, por já ter pensado a cenografia da peça, eu não estaria dando espaço para a criação do cenógrafo; argumento este que foi contestado tanto pela outra cenógrafa Caroline Santos, quanto pela figurinista Jessyca Ugollini.

Dentro do Curso de Direção Teatral, uma de nossas disciplinas obrigatórias é justamente Comunicação e Cenografia, que tem o intuito de abrir a visão do diretor para o pensamento de uma cenografia, e através deste conhecimento poder dialogar melhor com o cenógrafo. Assim, no meu entender o diretor precisar pensar a concepção cenográfica para, a partir de suas ideias, o cenógrafo desenvolver sua criação.

Argumentando com a cenógrafa, expliquei que se fazia, sim, necessário, um pensamento anterior sobre a cenografia, pois o ambiente onde se passaria a peça estava descrito como sendo um espaço de acúmulo de objetos, contendo mesa, cadeira, máquinas de escrever, estantes e muitos livros e papéis. Caberia a ela e à outra cenógrafa trazer uma proposta de como seria a disposição deste espaço, e que isso deveria ocorrer dentro do período destinado para leituras, jogos e improvisações. Da mesma forma caberia à Jessyca trazer a proposta de figurino. Percebi neste momento que houve certa insatisfação por parte da Zindi, mas logo em seguida esta sensação dissolveu-se.

Passamos quase todo o mês de agosto apenas lendo e debatendo as respostas da pesquisa, e ao final de cada dia de leitura e debate líamos o roteiro da peça, para termos sempre em mente o fio condutor do espetáculo. Este processo foi muito importante, pois através dele conseguimos descobrir pequenas particularidades de cada personagem, seus modos de agir e pensar, suas preferências, tudo foi extraído das analogias feitas com as respostas dos questionários. Foi um total de nove encontros, dos quais apenas seis foram para as leituras e os outros três para a experimentação de jogos e improvisações.

Concomitante a estas atividades, demos início à produção da peça, buscando materiais que pudessem compor a cenografia, juntamente com a equipe de cenografia, dentre o que havia disponível na própria Universidade.

As orientações, devido a desencontro de agendas entre o aluno-diretor e orientadora, se deram por trocas de e-mails.

Cronograma proposto:

2ª Fase – Cinco semanas compreendidas entre os dias primeiro de setembro até três de outubro: Levantamento de cenas; Estruturação do Projeto cenográfico e elaboração de marcação; Andamento das atividades de produção; Confeção dos primeiros adereços de cena, objetos, cenários e figurinos; Desenvolvimento do projeto de iluminação; Levantamento do todo do espetáculo; Últimas atividades da produção; últimas confecções de cenário e figurino.

Realizado:

As três primeiras semanas do mês de setembro foram bem complicadas, pois tanto eu quanto os atores ficamos doentes neste período, alternadamente. Portanto houve um prejuízo para as atividades de ensaios.

O projeto de cenografia seguiu entre conversas e trocas de ideias sobre a disposição do cenário. Foi acertado com a Escola de Artes Técnicas Luiz Carlos Ripper (EAT) que seriam confeccionados livros falsos, escadas, estantes e a mesa, contato feito pela cenógrafa Zindi Gonzaga.

O projeto de indumentária, que foi proposto para ser totalmente confeccionado, permaneceu em “*stand-by*”, pois a verba solicitada à Universidade para a produção da Mostra, assim como a distribuição da mesma para os alunos-diretores, ainda não havia sido autorizada.

Ainda dentro do mês de setembro, houve o primeiro encontro entre mim e minha orientadora, professora Jacyan Castilho. A conversar deu-se de forma muito amigável e pontuada por considerações que me fizeram olhar a minha proposta cênica por outra perspectiva, o que no meu entender trouxe uma abordagem muito mais significativa e menos simplória para a peça.

O texto dramaturgico foi finalizado neste interim. Foi então divulgada a programação da XIV Mostra e fixado o dia para a estreia, dia onze de novembro; com isso ganhamos três semanas que havíamos perdido pelas doenças. Nas duas semanas finais desta segunda fase, foram realizadas leituras “de mesa” e levantamento das primeiras cenas, o que não foi difícil, pois, como o processo dava conta de sempre estarmos com o fio condutor em

mente, seria fácil para os atores a memorização do texto.

O processo vinha se encaminhando bem, mas fomos surpreendidos com o desmonte dos *containers* que serviam de salas de ensaio. Começaria então, uma nova saga para achar outro local para ensaiar. Por sorte, conseguimos rapidamente uma sala da Faculdade da CAL, no bairro da Glória.

Cronograma proposto:

3ª Fase – Duas semanas compreendidas entre os dias vinte e nove de setembro até vinte e três de outubro: Detalhes e afinação das cenas; Ensaios de “passadões”³; Preparação final antes da estreia.

Fase 3.1 – De vinte e três de outubro até a estreia: Finalizações.

Realizado:

Já chegando quase o meio do mês de outubro, houve a liberação da verba para a produção das peças. Deu-se início à confecção dos figurinos e compra de materiais para a cenografia. Os ensaios seguiam em ritmo acelerado e dinâmico, pois precisávamos resgatar o tempo perdido. Todas as cenas já se encontravam levantadas e começamos a fazer os “passadões”; sentíamos a necessidade de trabalhar com todos os objetos cênicos mas isto não era possível, visto que não tínhamos meio de transportar o material diariamente nem guardá-lo no local de ensaio.

A trilha sonora foi finalizada e editada. Gravamos os áudios que seriam usados na peça. A equipe de iluminação começou a acompanhar alguns ensaios e conversamos sobre como deveriam compor a luz das cenas e suas movimentações. Foi dado também início à produção do vídeo que foi utilizado na cena final.

Fomos mais uma vez surpreendidos com a notícia, de que não poderíamos mais utilizar as salas de ensaio de Faculdade da CAL, pelo motivo de estar chegando a finalização do período e as turmas de lá necessitarem de todos os espaços da Faculdade para ensaiar suas montagens. Como algumas disciplinas do Curso de Comunicação da ECo-UFRJ já haviam finalizado o

³ Ensaios corridos inteiros

período letivo, passamos a fazer uso destas salas, dividindo o horário com a Disciplina Direção V do Curso de Direção Teatral. Através da produtora Érika Neves, conseguimos também um horário no Fórum de Ciência e Cultura (FCC-UFRJ). Seguimos neste ritmo até a data da estreia.



O Diretor Edney Paiva, com os atores e equipe técnica, momentos antes da estreia.
(Foto: Marymília Fatah)

IMPRESSÕES

Uma das grandes alegrias deste processo foi conseguir juntar uma equipe que logo de cara gostou e topou participar desta empreitada comigo; mesmo aqueles que só entraram no final, como os responsáveis pela iluminação e produção, e ainda as duas alunas-repórteres, Anna Angélica e Bianca Moura, ambas do curso de Jornalismo da Eco-UFRJ. Ganhar a confiança das pessoas apenas pela argumentação das suas ideias me fez acreditar numa potencialidade que antes não sabia ou não acreditava que tinha.

Sempre tentei criar e manter um ambiente harmonioso e uma relação de confiança com todos de todas as equipes nas salas de ensaio, e acredito que tenha conseguido com quase todos durante todo o processo (digo quase, pois,

infelizmente ocorreram problemas com uma pessoa da equipe, mas que não chegou a prejudicar todo o processo).

O início dos encontros foi muito gratificantes e proveitosos, a dedicação dos atores era impressionante, a cada dia chegavam com mais vontade de mergulhar no universo de Castelos & Litorais. Sempre traziam sugestões, observações, pensamentos e novas ideias que somavam para o engrandecimento de seus personagens. Essa atitude agia em mim como válvula de propulsão, dando motivação para pesquisar cada vez mais elementos que me ajudassem para escrever o texto.

O processo de escrever um texto teatral é tarefa árdua, ainda mais para quem nunca ousou fazê-lo antes. O processo de leitura e discussão das respostas da pesquisa contribuíram muito, não só para os atores entenderem e terem elementos de criação do comportamento de suas personagens; como também alimentou a minha mente com possibilidades de situações pelas quais as personagens passariam. Foi um processo no qual empenhei muita energia e dedicação. Acredito que o resultado obtido foi satisfatório dentro das deficiências autorais para a escrita de um texto dramaturgico.

Os ensaios se encaminharam muito bem durante certo período, contanto inclusive com o acompanhamento da cenógrafa, que expressava ser necessária sua presença para poder obter maiores informações que a levassem a uma concepção cenográfica adequada para a peça. Entretanto quando se fez realmente necessária a presença da cenógrafa, esta começou a não ir mais aos ensaios, e demorava a responder às minhas mensagens, sempre com o argumento de que estava ou doente ou atarefada ou trabalhando. Mesmo assim continuei a delegar as tarefas que competiam à cenografia para ela.

Com o avanço dos ensaios comecei a cobrar da cenógrafa a presença dos elementos cênicos, principalmente a mesa, cadeira e estantes, pois eram fundamentais para os atores terem noção de qual espaço eles teriam livre para se movimentarem dentro da proposta do palco reduzido de 4X4 metros. Este, somente percebido neste momento, foi o primeiro indício que teria problemas com ela: tudo que ela me apresentava como cenografia era inadequado ou de aparência que parecia que havia sido retirado de algum escombros ou lixão. A

todo o momento relembra a ela que o espaço cênico foi descrito como um espaço de acúmulos, portanto havia uma grande diferença entre acumulado e deteriorado. Mediante as tentativas frustradas por parte dela em apresentar algo que eu achasse condizente com o ambiente proposto, e da minha urgência em proporcionar aos atores elementos físicos que os ajudassem em cena, fiz o primeiro grande gasto comprando uma mesa e uma cadeira novas, mesmo sem termos ainda a verba da faculdade liberada.

Seguiu-se da mesma forma os outros elementos, e tudo aquilo que antes poderia ter sido conseguido, acabou precisando ser comprado. Passei a tomar a frente com relação a algumas coisas da cenografia. O estopim foi estourado já perto da estreia, quando iríamos fazer o nosso primeiro ensaio na sala de apresentação, e era imprescindível ter toda a cenografia pronta. Ao montarmos o cenário, tanto eu quanto os atores ficamos abismados com a falta de elementos que compusessem a cenografia para representar o acúmulo necessário. Chamei a cenógrafa e perguntei se ela achava que aquele espaço representava o acúmulo pedido pela peça, lembrei-a também que ela me perguntara repetidamente do por que eu queria tantos livros. Naquele momento a minha resposta foi: “Veja você mesma”. Só então comecei a perceber a gravidade do problema, sem contar que a assistente já tinha me sinalizado que estava havendo problemas de comunicação entre as duas, e que Zindi não passava para ela o que era para ser feito de fato, e que nada do que eu havia pedido para ser feito fora realizado. Mediante toda esta confusão, abarqueei totalmente a frente da cenografia, ou seja, ao invés de dedicar o tempo existente para dar total atenção aos atores, à equipe de iluminação, entre outros detalhes que ainda eram necessários para a estreia, precisei compartilhá-lo ainda para executar a produção e construção da cenografia.

No dia da estreia, que também foi dia de montagem de luz, eu pedi que ela estivesse presente na montagem, o que não ocorreu. Quando a questioneei sobre seu paradeiro, ela disse que tinha aula na faculdade e que não poderia estar presente, chegando somente às treze horas. Mesmo com todos os contratemplos conseguimos estreiar sem maiores problemas.

Com relação à equipe de figurino, o único contratempo foi provocado pela demora da liberação da verba, o que atrasou a compra dos tecidos para a

confeção. Também tivemos que pagar uma costureira, o que não estava planejado, pois devido ao tempo escasso, não pudemos mais fazer uso da parceria com a EAT para a confecção dos mesmos.

A coreografia foi criada a partir da colaboração entre a atriz, Ana Cecília Mamede, e a preparadora corporal/coreógrafa, Daniella Nery. Todas as mudanças solicitadas aconteceram de modo tranquilo, sem aborrecimentos. O trabalho de criação do projeto de iluminação para a peça também correu sem maiores problemas, depois que consegui acertar com a equipe o acompanhamento aos ensaios para que eles pudessem se familiarizar com o contexto do espetáculo.

Concluo minhas impressões sobre este trabalho, com a certeza de que a experiência adquirida neste processo vai me acompanhar por toda a minha trajetória profissional. As dores e as delícias de estabelecer uma relação tão profunda entre direção e equipes, de tentar conseguir separar (a inseparável) convivência concomitante do autor e diretor em uma única pessoa, procurando deixar cada faceta ter sua própria identidade, mas ao mesmo tempo manter o respeito de uma pela outra. Parece loucura e é, “Dr. Jekyll e Mr. Hyde⁴” conviveram harmoniosamente.

CONCLUSÃO FINAL

Chego ao final desta trajetória com o sentimento de dever cumprido. Passar dentro da academia, por três processos diferentes de Direção de espetáculos, foi uma experiência muito enriquecedora, cada qual com seus problemas e suas vitórias. Estou muito feliz pelo resultado obtido com Castelos & Litorais. A montagem desta peça serviu não somente para encerrar minha trajetória dentro da Universidade, mas também para superar obstáculos e dificuldades que permearam todo o caminho. Aprendi na prática o que é ser resiliente com as adversidades encontradas nesta montagem. As trocas de experiências estabelecidas nos ensaios entre direção, atores e equipes, me trouxeram uma gama de percepções e potencialidades que antes,

⁴ Referência aos personagens criados por Robert Louis Stevenson para o romance “O Médico e o Monstro”, um clássico da literatura mundial.

possivelmente, não sabia que poderiam acontecer de forma tão fluida. Uma certeza tenho deste processo: grandes amizades ali nasceram e vão crescer cada vez mais.



Os atores Vinícius Arêas e Ana Cecília Mamede, em cena como Valter e Lúcia.
(Foto: Marymília Fatah)

AGRADECIMENTOS

Agora que finalmente é chegado o momento mais aguardado desta trajetória, que é a conclusão do Curso de Direção Teatral, só tenho uma única coisa a fazer. Entretanto este pequeno gesto é cheio de simbolismo e reconhecimento: dizer: OBRIGADO!

Quero aproveitar este espaço para agradecer a cada colega, professor, funcionário que estiveram juntos comigo neste percurso, pessoas que acompanharam cada momento de alegrias e tristezas, dúvidas e conquistas. Perdoem-me não registrar o nome de todos os envolvidos neste processo, pois neste espaço não caberiam todos. Entretanto, é necessário nomear algumas pessoas, é justo, é mais que justo, é justíssimo que se faça esse reconhecimento daqueles que mais me deram apoios, conselhos e direcionamento para a conclusão desta etapa de vida.

Primeiramente, quero agradecer a Deus por tudo o que acontece na minha vida. Em segundo a meus pais Sidney e Marli, por terem me dado a vida e serem os primeiros responsáveis pela formação do meu caráter, e do que sou como homem. Dando seguimento, quero agradecer meus mestres do curso, Adriana Schneider, Carmen Gadelha, Eleonora Fabião, Gabriela Lírio, José Henrique Moreira, Lívia Flores, Marcellus Ferreira, Ronald Teixeira e Samuel Abrantes por dividirem comigo os seus conhecimentos, por me ouvirem e estarem sempre dispostos a orientar da melhor forma, que caminho escolher para alcançar o melhor resultado dentro da universidade. Obrigado também a professora Jacyan Castilho, que desde o nosso primeiro encontro para a orientação desta encenação, chegou com uma visão macro das potencialidades deste projeto.

Dentre todos os mestres que tive na Universidade, destaco um lugar especial na minha memória e no meu coração para o Professor Lauro Góes, meu querido orientador acadêmico, um ser iluminado que não poupou esforços para me atender e me direcionar para as melhores escolhas, e de como proceder dentro do curso. Passei de admirador do seu trabalho na TV e no teatro a tê-lo como amigo. À você querido Mestre, não detenho palavras para expressar a minha gratidão por cada momento que passamos juntos dentro das salas de aulas ou nos nossos cafés, onde podíamos ser mais descontraídos. Estar ao seu lado é um aprendizado contínuo, sempre com muito bom humor. Meu muitíssimo obrigado.

Quero agradecer também a Erika Neves, nossa querida produtora, pessoa de alto valor, que está sempre a postos para socorrer cada aluno do curso nas suas dificuldades, seja para encontrar o e-mail ou telefone de um professor até se desdobrar para conseguir espaços para os nossos ensaios.

Aos colegas de Curso, Rachel Mourão, Nadine Fuchshuber, Manuel Thomas, Pedro Rothe, Luiz Felipe Perinei, Andréa Ferrer, Marymília Fathar, Julia Gorman, Alice Assef, Luis Carlos Oliveira, Aldebaran Oliveira, Adriana Tausz, aos funcionários Paulinho, Adriano e Joel, ao Itamar, a Dinha e Malha da xerox e todos da recepção da ECo, obrigado pelos nossos papos, pelas ajudas, amizade e risos. Já sinto saudades de todos. Para vocês deixo uma citação da Clarice Lispector: *“Minha força está na solidão. Não tenho medo*

nem de chuvas tempestivas, nem de grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite”.

Obrigado a toda equipe de Castelos & Litorais: elenco, cenografia, figurino, preparadora corporal e todos os envolvidos nesta montagem; por acreditarem neste meu desejo e por confiarem em mim.

Por fim, um agradecimento mais que especial a quatro pessoas que são muito mais que especiais na minha vida. Minha irmã Rosane e meu afilhado Bruno, obrigado por todo amor que vocês sempre dedicaram a mim e a amizade construída nesta vida. Ao meu irmão Luiz Otávio, que foi a pessoa que mais me incentivou a voltar a estudar, mesmo depois de eu estar vinte anos sem fazê-lo. E por último, mas com enorme importância, obrigado a Alexandre Quadrelli. Você que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos de alegrias acadêmicas e também de grandes angústias, dúvidas e incertezas, me dando força, me apoiando, me incentivando a nunca desistir. Mesmo quando eu não acreditava em mim, você acreditou sem nunca perder a fé. Obrigado por tudo, meu grande amigo, parceiro de vida, companheiro de todos os momentos e agora meu sócio. Vamos juntos olhando na mesma direção, pois o plano é ficarmos bem, ok? Para o alto e além. Evoé!

Fotos da Peça Castelos & Litorais, registro feito por Marymília Fatah















ANEXO

Pesquisa de Opinião para coleta de impressões pessoais para o Projeto de Encenação da peça Castelos & Litorais

“De tarde quero descansar, chegar até a praia
Ver se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras.
Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora.
Agora está tão longe
Vê, a linha do horizonte me distrai:
Dos nossos planos é que tenho mais saudades,
Quando olhávamos juntos na mesma direção.
Aonde está você agora
Além de aqui dentro de mim?
Agimos certo sem querer
Foi só o tempo que errou
Vai ser difícil sem você
Porque você está comigo o tempo todo.
Quando vejo o mar
Existe algo que diz:
- A vida continua e se entregar é uma bobagem.
Já que você não está aqui,
O que posso fazer é cuidar de mim.
Quero ser feliz ao menos
Lembra que o plano era ficarmos bem?
- Ei, olha só o que achei: cavalos-marinhos.
Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora.”⁵

⁵ Letra da música “Vento no Litoral” da Banda de Rock Legião Urbana; Letra e Música: Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos.



(Use a quantidade de linhas que achar necessário para responder)

- Lendo o texto e vendo as imagens acima, que tipo de relação você consegue traçar entre as duas expressões artísticas?
- Ouvindo a música “Vento no litoral” da banda de Rock Legião Urbana, que sensações ou lembranças vêm a você?
- Se as imagens acima tivessem um gosto, qual seria e por quê?
- Se a letra e a música “Vento no litoral” fosse uma bebida, qual seria o sabor e por quê?
- Que lembranças afetivas você percebe que vieram a tona ao passar por esta experiência?